

Descentralizar é bom remédio

Descentralizar o atendimento médico primário no DF é uma das principais metas traçadas pelo atual secretário de Saúde, Milton Menezes. Ele lembra que a proposta não é nova, já que foi idealizada na época da inauguração de Brasília, em 1960; no entanto, continua sendo a melhor alternativa para que o sistema de saúde da cidade não entre em colapso, como aconteceu com o setor de emergência do Hospital de Base.

"O colapso do HBB foi fruto de uma demanda desorganizada de pacientes à procura de seus serviços emergenciais, que, por serem altamente especializados, só deveriam atender cinco ou seis cento dos casos levados pela comunidade", explica. Milton afirma que a proposta de descentralização do sistema ficou estagnada por mais de 19 anos, talvez pelo próprio envolvimento do profissional de saúde com o atendimento tradicional, centralizado nas unidades emergenciais hospitalares.

O secretário de Saúde alega que de nada adianta a implantação de uma rede básica de saúde, formada hoje por 44 centros de saúde em todo o DF, se a postura dos profissionais do setor continuar vinculada à filosofia do atendimento tradicional. "Passamos por um período em que os funcionários começaram a fugir dos centros e postos de saúde. A isonomia salarial serviu como principal desculpa, já que nos hospitais os profissionais dão plantão apenas duas vezes por semana e

nos centros o trabalho é diário", justifica.

GRATIFICAÇÃO

Por decisão política da Secretaria de Saúde, desde o último acordo coletivo firmado com os profissionais do setor, os funcionários lotados em centros de saúde estão recebendo uma gratificação de 20 por cento sobre o salário por ações básicas. "Essa foi uma guerra grande, pois o pessoal das áreas de emergência alegou que tinha muito mais trabalho", destaca Milton. Ele garante, porém, que essa foi uma decisão lógica na medida em que se queria levar o servidor para atuar nos centros de saúde.

Foi justamente com a fuga dos profissionais dos centros de saúde que a população começou a procurar mais os hospitais. "Você procura o lugar onde é atendido mais rapidamente. É coerente essa atitude", comenta o secretário. Ele garante que, após a conclusão das obras do HBB, o hospital terá referência apenas para casos terciários, ficando responsável pelo atendimento de pacientes encaminhados de outras unidades regionais.

Em contrapartida, os centros de saúde e hospitais regionais deverão garantir um bom nível de atendimento. Nas unidades básicas de atendimento médico, a idéia é oferecer cada vez mais um tratamento personalizado. "Se por exemplo uma criança deixar de tomar uma vacina de rotina, o ideal é que o profissional de saúde vá até sua casa

saber o motivo", comenta entusiasmado o secretário.

Na realidade, os centros de saúde são peças-chave durante as campanhas de vacinação, na medida em que estão bem mais próximos da população. Milton Menezes atribui a esse sistema de saúde o sucesso da cobertura vacinal de paralisia infantil por exemplo: "Cerca de 90 por cento das crianças são vacinadas a cada campanha".

Embora não seja o único trunfo capaz de prender os profissionais de saúde nos centros de atendimento básico, a questão salarial exerce também um forte apelo sobre o trabalhador. O achatamento salarial de todas as categorias de servidores vem sendo, nos últimos anos, um argumento irrefutável para que o setor de saúde paralise suas atividades. Milton Menezes lembra que esse foi um dos poucos anos em que a Fundação Hospitalar não teve de lidar com uma greve.

"Após uma negociação de quase 60 dias, conseguimos chegar a um acordo coletivo baseado no desenvolvimento do profissional e na evolução do sistema", ressalta. Os salários pagos atualmente pela FHDF conseguiram superar inclusive os pagos pelo Inamps, que tradicionalmente sempre ofereceu ganhos maiores. Isso não seria possível sem a contribuição do GDF, que pela primeira vez na história está participando diretamente para saldar a folha de pagamento dos profissionais de saúde, uma responsabilidade, até então, exclusiva da União.